



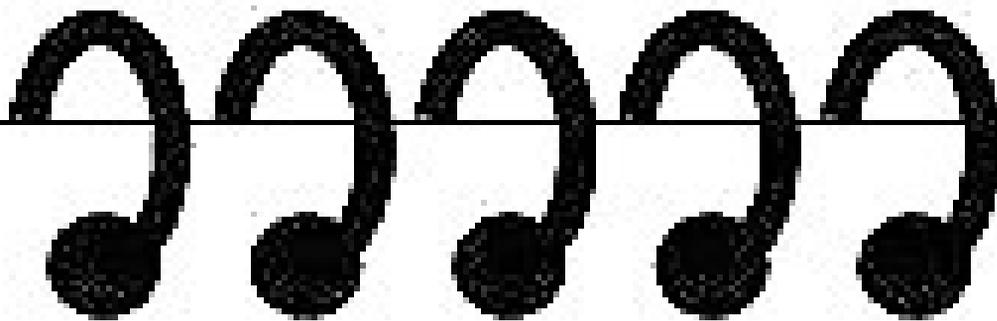
ARRIBA

Nº. 13

Associação de Moradores dos Capuchos Junho 2022



A CURVA NA ESTRADA



Sumário

| | |
|--|-------------------|
| <i>Diário de Bordo</i> | <i>Pag. 2/4</i> |
| <i>Informação aos Sócios</i> | |
| <i>Capuchos: Uma Associação para apoiar os Moradores</i> | <i>Pag. 5/6</i> |
| <i>de José Carlos Rodrigues Nunes</i> | |
| <i>Descentralizar para sobreviver?</i> | <i>Pag. 7/9</i> |
| <i>de Jorge da Silva</i> | |
| <i>Os Capuchos nas minhas memórias</i> | <i>Pag. 10/12</i> |
| <i>de Eduardo Gomes</i> | |
| <i>Capuchos – Uma aguarela e um poema</i> | <i>Pag. 13/14</i> |
| <i>de Carlos Canhão</i> | |
| <i>Os Mistérios da Lua Cheia – 3º. Episódio</i> | <i>Pag. 15/17</i> |
| <i>um conto de Paulo Figueiredo</i> | |
| <i>Ruralidade em Almada nos séculos 18 e 19</i> | <i>Pag. 18/21</i> |
| <i>de João Paulo Curto</i> | |
| <i>Uma questão controversa...</i> | <i>Pag. 22</i> |
| <i>cartoon de Ferrer Asturiano</i> | |

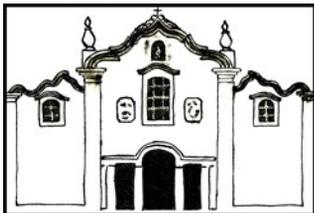
O "ARRIBA" é propriedade e edição da
Associação de Moradores dos Capuchos.

Publicação trimestral gratuita. Distribuição por e-mail.

Contactos: <https://moradorescapuchos.wixsite.com/capuchos>

Facebook: <https://www.Facebook.com/AMC-Associação-de-Moradores-dos-Capuchos-426610328116880/>

E-mail: associacaomoradorescapuchos@gmail.com



Associação de Moradores dos Capuchos

Diário de Bordo

Informação aos sócios

5/3/22

Decorreu, em sala cedida pelo Convento dos Capuchos, a Assembleia Geral Ordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 - Relatório e Contas do ano de 2021;**
- 2 - Orçamento para 2022;**
- 3 - Plano de atividades para 2022;**
- 4 - Outros assuntos.**

Os 3 documentos foram aprovados por unanimidade.

9/3/22

A Associação de Moradores recebeu, nos Capuchos, a visita anteriormente combinada com a Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria.



Nesta visita, que contou com a presença da Presidente Sandra Chaíça, do Vogal Nuno Augusto e de um dos encarregados da Junta da

União das Freguesias, acompanhados por dirigentes e técnicos da Câmara Municipal de Almada, a Associação de Moradores teve a oportunidade de dar a conhecer, in loco, alguns dos principais problemas da zona e de sugerir as possíveis soluções, num diálogo aberto entre as três entidades presentes.

Nota:

De 9 de Março a 27 de Abril, na sequência da visita aos Capuchos por representantes da Autarquia, não houve qualquer contacto nem qualquer ação visível.

17/3/22

Divulgação de informação relativa à reunião havida nos Capuchos, junto dos moradores e do comércio local.

18/3/22

Envio de mail ao Vereador Filipe Pacheco sobre a matilha de cães assilvestrados.

24/3/22

Divulgação pela Mesa da Assembleia, da ata da nossa Assembleia Geral, junto dos associados.

24/3/22

Envio da ata da Assembleia Geral ao nosso Contabilista.

31/3/22

Resposta a comunicações feitas pela AMC, por parte dos Serviços de Fiscalização da C. M. Almada sobre limpeza de terrenos.

7/4/22

Resposta telefónica da secretária do Vereador Filipe Pacheco sobre a matilha, confirmando o andamento do assunto.

8/4/22

Participação e intervenção no plenário da Comissão Social de Freguesia.

27/4/22

Insistência com os Serviços de Fiscalização da C. M. Almada sobre a falta de limpeza do espaço da antiga escola primária dos Capuchos.

27/4/22

Insistência sobre o “buraco” na EN10-1, sentido descendente.

27/4/22

Intervenção na Assembleia de Freguesia. *(clique no link para ver o vídeo)*



<https://youtu.be/WY3Kw29G-6s?t=1312>

Destacamos as palavras da Senhora Presidente da Junta de Freguesia, Sandra Chaíça, (aos 35') em resposta à intervenção da AMC (aos 22') feita pela Vice Presidente Ana Artilheiro.

...“dia 10 de Maio vai haver uma nova visita ao terreno”... “Estamos a conseguir ter uma luz ao final do túnel. E vamos conseguir!”...

28/4/22

Intervenção na Assembleia Municipal. *(clique no link para ver o vídeo)*



<https://youtu.be/MsUze4yj970?t=420>

Destacamos as palavras da Senhora Presidente da C. M. Almada (aos 25'), em resposta à intervenção da AMC (aos 7'), feita pelo Presidente José Carlos Nunes.

...“agradeço mais uma vez à Associação de Moradores e nalgumas matérias eu tenho mesmo de lhe dar razão. É verdade que tem sido uma associação sempre presente, sempre participativa e é verdade que houve compromissos assumidos e que vão ser cumpridos”...

7/5/22

O mato que cobria o recinto da antiga escola primária, há já vários meses, foi limpo por uma brigada da Câmara Municipal de Almada. Mas não foi limpo o mato nos muros exteriores. Esquecimento?

9/5/22

Fomos informados de que a programada “visita ao terreno”, em 10 de Maio, iria decorrer sem a participação da AMC. Apenas elementos da Junta de Freguesia e técnicos da Câmara Municipal...

Até à data do fecho desta edição o que obtivemos quer da Câmara Municipal quer da Junta de Freguesia foi um silêncio absoluto.

Verificámos que no “site” da Junta, em 16/5 foi publicado o seguinte:

*...“Decorreu mais uma visita aos territórios, que contou com a presença da Presidente Sandra Chaíça, dos Vogais Nuno Augusto e João Eixa, de Encarregados da Junta de Freguesia e do Diretor Municipal da Câmara Municipal de Almada, Rui Carvalheira.”... referindo-se ao **1º. Torrão e Cova do Vapor** e ...“visando ouvir as associações, gentes e população da Caparica e Trafaria, neste que é um trabalho conjunto pela melhoria do espaço público.”...*

Nada contra! Mas é elucidativo...

Em todo o período de Março, Abril e Maio de 2022:

Mais de uma dezena de comunicações à Plataforma Almada + Perto, sobre recolha de lixo, recolha de monos e aparas de jardim, sobre limpeza e corte de ervas, sobre buraco na EN10-1, sobre limpeza de terrenos...

CAPUCHOS: Uma Associação para apoiar os Moradores

de José Carlos Rodrigues Nunes (Presidente da Direção)

A AMC-Associação de Moradores dos Capuchos é uma associação cívica e cultural, constituída com o objetivo de desenvolver atividades de índole cultural, recreativa e outras, especialmente as relacionadas com o aproveitamento e manutenção do espaço público da sua zona de intervenção, os CAPUCHOS, em prol do bem-estar dos seus moradores.

Para a consecução destes objetivos, a AMC tem de fazer ouvir a sua voz junto das entidades responsáveis pela gestão do território e pelos meios financeiros que possibilitam a implementação de projetos de interesse público. Para o efeito, é de suma importância a representatividade da nossa Associação, medida, quer pelo número de associados, quer pela envolvência destes e dos moradores, em geral. Essa envolvência compreende, por um lado, a angariação de novos associados e, por outro, a intervenção direta nas atividades da Associação como sejam a identificação de situações que carecem de intervenção, a definição das correspondentes soluções, a participação nas diligências junto das entidades com capacidade para a implementação de tais soluções.

Estamos cientes de que um fator muito importante para a necessária dinamização dos moradores será o nível de realização dos objetivos da

Associação e é com essa noção que desenvolvemos a nossa atividade.

Os objetivos da AMC e, certamente, de todas as Associações de Moradores, representando um associativismo de base, envolvem uma importante componente democrática e social. Mas, lamentavelmente, eles nem sempre são bem compreendidos pelas entidades oficiais que têm o poder e o dever de contribuir para a sua concretização, designadamente, as Juntas de Freguesia e as Câmaras Municipais. E esta relativa incompreensão e a lentidão nas respostas/tomada de decisões são suscetíveis de causar desânimo... Porém, no nosso caso, a nossa força de vontade suportada pelo apoio dos sócios e dos moradores em geral vai permitindo que continuemos a pugnar pela adequada e atempada concretização das nossas propostas.

Mas há situações dignas de realce, pela positiva. É o caso, por exemplo, de uma importante Câmara Municipal que contém no seu "site", no âmbito da organização e atividade dos seus serviços, o seguinte: *"As Associações de Moradores constituem parceiros fundamentais para a Câmara Municipal, que vê nesta forma de união e organização dos moradores, estruturas com grande potencial construtivo e representativo da população. E é propósito da*

autarquia colaborar com elas de forma construtiva e eficaz, criando condições para as ouvir, formando e capacitando os seus membros e estabelecendo espaços de debate e de partilha de experiências...”.

Ora, sendo as Câmaras Municipais uma consequência muito positiva da descentralização do Estado, para possibilitar a desejável aproximação aos cidadãos do poder de decisão, seria desejável que a maioria incluisse na sua organização e na sua atividade, a valorização das Associações de Moradores como seus “parceiros fundamentais”.

No passado dia 27 de Abril, realizou-se mais uma Assembleia de Freguesia da Caparica e Trafaria e, no dia seguinte, uma Assembleia Municipal da Câmara Municipal de Almada.

À primeira reunião assistiu e participou a Vice-Presidente da nossa Direção e, na segunda, participou o Presidente.

Com estas participações pretendíamos alcançar dois objetivos: salientar uma vez mais as situações/problemas identificadas nos Capuchos e as nossas propostas de soluções; evidenciar a ausência de respostas concretas e/ou as promessas ainda não cumpridas.

Não foi possível detalhar muito a informação devido ao curto período de tempo disponível, cada uma de 5 minutos. No entanto, e para obviar a tal limitação, foi distribuída uma informação escrita detalhada.

Uma vez mais as respostas que nos

foram prestadas pela Senhora Presidente da Junta de Freguesia e pela Senhora Presidente da Câmara Municipal, embora evidenciando algum sentimento positivo, foram muito vagas e inconclusivas. Mas, iremos prosseguir os nossos esforços, através da participação em reuniões e, obviamente, da correspondência escrita, reforçando a validade das soluções que apresentamos e as vantagens da sua concretização. Procuraremos, assim, obter esclarecimentos mais objetivos e conseguir compromissos mais firmes.

Foram as seguintes, as situações evidenciadas e contidas na informação que foi distribuída:

1. Requalificação do espaço da antiga Escola Primária dos Capuchos.
2. Repavimentação das Ruas Lourenço Pires de Távora, dos Capuchos, da Estrelinha e do percurso dos Capuchos da EN-10.
3. Requalificação do espaço do miradoiro panorâmico dos Capuchos.
4. Limpeza das ruas e bermas.
5. Modernização/melhoramento do sistema dos ecopontos nos Capuchos.
6. Animais abandonados.
7. Transportes Públicos: Horários e percursos.
8. Construções/edificações em estado de abandono.

Descentralizar para sobreviver?

de Jorge da Silva

O tema deste texto nada tem que ver com regionalização, tema que parece estar outra vez na moda ao mesmo tempo que vêm a caminho aí uns euros (muitos) da União Europeia; decerto que é apenas coincidência...

O autor destas linhas aproveita o ensejo para se assumir contra a regionalização; dividir em regiões um país pequeno em que há um só povo e uma só língua e onde nunca se descentralizou a sério? Os partidos políticos parecem não ter suficientes “tachos” para distribuir e com a regionalização haverá mais um nível na administração pública, o que é uma ajuda. E que tal se fosse ao contrário? Tornar os partidos grandes mais pequenos e promover a criação de partidos locais e listas de cidadãos independentes, por exemplo? Menos “tachos”, mais qualidade, mais *proximidade* dos eleitores; *proximidade* é a palavra-chave deste modesto artigo de opinião, o qual não trata apenas de Portugal, mas antes de um território comum habitado por 7,6 biliões de pessoas chamado Terra.

A pandemia de Covid-19 e a guerra na Ucrânia, puseram a nu fragilidades diversas que mostram como todos nós estamos tão dependentes uns dos outros, para o bem e para o mal, e como dependências de larga escala afetam o nosso bem-estar, o

equilíbrio natural e a longo prazo a nossa sobrevivência como espécie. Não se trata apenas do gás natural e do petróleo russos, o nosso modo de vida (o modo de vida ocidental tornou-se o padrão) está totalmente dependente de cadeias de distribuição muito longas e de centros de produção muito centralizados, de que é exemplo a extrema dependência de países asiáticos para a produção de semicondutores, sem os quais a economia do conhecimento /sociedade da informação pura e simplesmente não funciona.

Sendo um sistema económico orientado para o lucro máximo, o capitalismo precisa do custo mínimo, nomeadamente o da mão-de obra; a deslocalização de grande parte da indústria para Oriente e a migração de trabalhadores de países africanos e de alguns países da Ásia não é fruto do acaso.

Consequências: redução da capacidade industrial do Ocidente, o choque, por vezes violento, com culturas muito diferentes da nossa e os elevados custos políticos, como seja o esvaziamento dos partidos moderados e a ascensão da extrema-direita.

Tudo o que foi dito atrás é mais ou menos óbvio, o que já não é tão óbvio é que este modelo energético/económico/político já não serve. Não se trata apenas de

escolher entre energias fósseis ou renováveis, capitalismo ou socialismo, direita ou esquerda, é muito mais do que isso. A situação de emergência climática que se vive demonstra que o modo de vida dos humanos não tem sido o melhor.

Consumimos demasiado, consumimos mal, criamos necessidades artificiais; tudo isto leva a produzir em grandes quantidades o que faz falta e o que não faz falta nenhuma. Tudo foi *massificado*, objetos, pessoas, cultura, educação, desporto.

A população mundial não para de crescer. A concentração de cada vez mais gente em metrópoles e no litoral tem causado desequilíbrios demográficos a nível nacional e mundial. A vida em grandes cidades/subúrbios, habitadas por *massas* em vez de indivíduos, é caracterizada pelo stress, pela falta de tempo, pela quebra de ligação do homem com a Natureza, pela perda do *saber fazer*.

A explosão demográfica e o consumo desenfreado pedem mais e mais recursos à Terra que não duram para sempre. Esses recursos e os bens de consumo com eles produzidos têm que ser distribuídos e dessas redes de distribuição dependemos totalmente: de alimentos, de energia, de água, de saneamento, de comunicações, de equipamentos, etc. A globalização aumentou as cadeias mundiais de distribuição, e de acordo com a ONU, 80% do comércio global é

feito por mar; o transporte marítimo recorre a navios gigantescos, sejam eles porta-contentores ou petroleiros, uns e outros altamente poluentes. Se uma das redes de distribuição acima referidas falhar completamente, não há alternativas. A vida seria um inferno, seria como voltar atrás na História.

Chegados a 2022, podemos fazer a seguinte pergunta: com tanta ciência e tecnologia porque razão a Humanidade continua a viver desta forma? O leitor responderá: os grandes interesses económicos, claro. Nós acrescentamos: a incapacidade dos políticos atuais em arranjar soluções novas ao invés de debitar as velhas receitas do século passado (muitos deles constam dos “sacos azuis” das grandes corporações) e a resistência à mudança (normal nos humanos).

As questões levantadas por este modesto artigo dão para escrever muitos livros, vamo-nos limitar a chamar a atenção para três pontos: energia, alimentos e fabrico de objetos. No início do texto foi dito que a palavra-chave seria *proximidade*. Vejamos, então, algumas ideias :

- produção de energia elétrica de forma renovável e *próxima* dos consumidores; criar condições (legais, etc.) para que comunidades (cidades, aldeias), e edifícios possam ter a sua própria fonte de energia, sem prejuízo de estar ligada a uma rede; a tecnologia para tal já poderia estar

- disponível há muito tempo, não fora o poder da indústria petrolífera e dos grandes produtores de energia; o acesso a uma fonte barata/gratuita de energia é crucial para eliminar a miséria no Terceiro Mundo;
- produção de alimentos o mais *próxima* possível dos consumidores; estão a regressar as hortas comunitárias, há cada vez mais edifícios com coberturas verdes (*green roof*), cresce o número de projetos de *agricultura vertical* nas cidades, já se cria em laboratório carne a partir de células animais verdadeiras (pois, realmente é esquisito, mas a pecuária é uma das grandes fontes de poluição, além de destruir a floresta);
- as impressoras 3D *aproximam* o consumidor da produção de objetos de que ele precisa e de acordo com as suas reais necessidades; no entanto, continuam caras, mas tal como aconteceu com outros equipamentos, o preço irá baixando; atualmente consegue-se imprimir peças que já não se fabricam (basta obter o desenho), ferramentas, veículos, casas, pontes e até comida.

Acima foram dados alguns exemplos de como se pode avançar para uma descentralização económica (à falta de melhor designação), embora, sejamos realistas, em certos sectores é necessário haver economia de

escala. Falamos apenas do lado económico, mas há o lado social e humano. Precisamos de cidades mais pequenas e mais espalhadas pelo território, cidades para as pessoas, onde se viva mais devagar, com comércio local, com descentralização de serviços, com menos necessidade de usar carro.

Difícilmente será possível avançar para estas soluções sem Internet e seus desenvolvimentos - Internet das Coisas (IoT), o 5G, a Revolução Industrial 4.0 - e a inteligência artificial e a robótica podem ajudar. Claro que estas tecnologias comportam riscos, mas tudo na vida tem um preço.

O maior obstáculo à descentralização e à desmassificação não é a tecnologia, não são os cidadãos, é a classe política, a qual, quando não é serventária do poder económico, não tem visão ou é prisioneira de ideologias mortas.

Tal como já foi dito, temos aqui material para muitos artigos, livros e polémicas, esperamos regressar a estes temas, assim haja, como diz Camões, engenho e arte.

Capuchos, 15 de Maio de 2022

Jorge da Silva

Os Capuchos nas minhas memórias

por Eduardo Gomes

A vivência nos Capuchos marcou-me para todo o sempre!

A minha relação com os Capuchos tem início na primeira metade dos anos cinquenta do século XX.



A calçada da Rua do Miradouro e a casa do Ti António das Vacas

A primeira imagem que tenho é dos calceteiros a fazer a rua do Miradouro dos Capuchos que, ainda atualmente, liga o Convento ao Miradouro.



Julgo que terá sido por essa altura (1956/57), que estariam a finalizar as obras de restauro do Convento (sob a

responsabilidade do mestre pedreiro Elpídio, encarregado da Câmara Municipal de Almada, morador na Sobreda, onde ainda existem familiares seus).



Outeiro dos Capuchos – Alto da Chibata

Em seguida veio o tempo em que o meu avô Virgílio Nunes, para a sua atividade de agricultura e pastorícia, alugou as terras do Cabedelo (Capuchos).

Nasci em 10 de agosto de 1948, no número 5 da Rua das Gaivotas, Vila Nova de Caparica, filho de Ângelo Gomes e Maria Eugénia Henriques.



*Rua das Gaivotas
Vila Nova de Caparica*

A essa data, o avô Virgílio Nunes era o caseiro da Quinta da Estrelinha, acompanhado por minha avó Maria Leonor Henriques.



*O meu avô Virgílio Nunes
com o meu bisavô Manuel Henriques*

Em 1952, o avô saiu da Quinta da Estrelinha e alugou a Quinta da Mata, que era dos mesmos proprietários.

Em 1955, fomos morar para a Rua das Gaiotas, no atual nº 18.



*Eu e minha prima, com o cão,
a brincar no Convento.*

Nessa altura o avô Virgílio alugou as terras do Cabedelo, cujo ordenamento geográfico era o seguinte:



As terras do Cabedelo

A nascente - Marco Geodésico, Quinta da Bisca e a Azinhaga, que iniciava na entrada da Quinta da Bisca e se prolongava até ao largo do Convento. (Vivenda Bairrão, atual nº 18, frente ao nº 43, da rua Lourenço Pires de Távora). Hoje esta Azinhaga está tapada, junto ao largo, com um portão de garagem;



Azinhaga dos Capuchos

A ponte - Toda a atual Arriba Fóssil, entre a mata do Convento e o bico do Cabedelo;

A Sul - O Biqueirão (Val da Junça) e a Quinta do Robalo.

O cultivo destas terras era partilhado com o Ti António das Vacas, que ali morava, com a sua mulher, um filho e duas filhas, numa casa que ainda existe, no lado direito da Rua do Miradouro dos Capuchos, sensivelmente a meio, no sentido Convento - Miradouro. Contudo, estava definido, claramente, a terra que a cada um pertencia.

Faziam agricultura de sequeiro (beneficiando apenas de água da chuva) - cevada, centeio, feijão, grão, tremço, milho, ervilhas, favas, batatas, forragem para o gado, entre outros.

Cultivavam outros produtos, como sejam: couves, feijão verde, pimentos, tomate, melancias, entre outros. Nestes casos, por vezes, tinha de se recorrer a rega, com água proveniente de nascente de duas charcas (às quais chamávamos poças), que existiam perto da descida para o Biqueirão/ Val da Junça. Nestas charcas existiam, abundantemente, agriões selvagens, que apanhávamos para comer por serem saborosos e ricos, nomeadamente em ferro. Renovavam-se por si – floriam, a semente caía na água e voltavam a nascer.

Era também nestas poças que dávamos água aos animais, entre

eles um burro branco que auxiliava no trabalho da terra. Há uma estória curiosa com este burro. Por vezes fugia de noite da abegoaria (sítio onde ficavam os animais). Na primeira vez não fazíamos ideia onde estivesse, só soubemos quando o Ti Júlio Mesquita (as pessoas na altura chamavam Júlio "Esquita") o veio trazer, porque tinha ido "namorar" a mula que ele tinha. Nas vezes seguintes já sabíamos onde estava...

A abegoaria do Ti Júlio "Esquita" ficava entre a Azinhaga dos Capuchos (a sul) e a Rua Lourenço Pires de Távora (a norte).

A água potável ou bebíamos na casa do Ti António das Vacas - tinha água canalizada - ou íamos abastecer na mina da Quinta da Bisca (ainda existe esta mina).

Nestas terras do Cabedelo, também havia muitas árvores de fruto: figueiras, pereiras, macieiras, marmeleiros e centenas de videiras de uva tinta e branca.

A maior concentração de árvores de fruto e videiras era na terra entre a Quinta da Bisca e a Rua do Miradouro dos Capuchos.

No próximo número do "Arriba"

A continuação de
Os Capuchos nas Minhas Memórias
por Eduardo Gomes

CAPUCHOS

uma aguarela e um poema
de Carlos Canhão



Uma Curva na Estrada

O sol acordava devagar
por entre nuvens douradas,
dispersas,
naquela manhã fria
de Outono.

A árvore despiu-se
e as suas folhas
corriam pelo chão,
levadas pela brisa fria,
para lá da curva da estrada.

Nem um gato
atravessava a estrada
naquela manhã.

Aqui,
neste pedaço reto de estrada,
o sol começava a chegar
e a passarada
irrequieta
começava o seu dia,
mas para lá da curva
o silêncio
era total.

Aquela curva
era fronteira.

Era um mistério,
àquela hora.
O que se encontraria
naquele ambiente
escuro?

Não fosse o barulho
das folhas
pelo chão
e o silêncio
era total...

Aqui
o galo não cantava
na alvorada.

As luzes
já se apagaram
e tudo espera
que o astro rei,
com a sua luz,
rompa estas sombras
e comece
o novo
dia.

Carlos Canhão

OS MISTÉRIOS DA LUA CHEIA

Terceiro Episódio

O RITUAL



Um conto de Paulo Figueiredo

- Alô? *Herr* Albert?

- Albert Schmidt.

- Sonya Barreto. Já tenho o que procurava.

O áspero tom de voz do homem amaciou-se.

- *Sehr gutt!* Temos que nos encontrar, então. Nunca pensei que fosse tão rápido.

- Por alguma razão o senhor encomendou-me o serviço. E para a próxima vez não mande dois idiotas vigiar-me, se não confiava em mim, porque é que me contratou? – Sonya achou que era a sua vez de ser ríspida, deleitou-se a imaginá-lo a empertigar-se ao telefone.

- A nossa organização não brinca, além disso não se esqueça da sua situação, por isso quem fala mais alto somos nós.

- Cumpri a minha parte do acordo.

- Cumpriremos a nossa, logo que veja os artefactos, o dinheiro será transferido para a conta que indicar.

- Há também a outra parte do acordo, que ainda é mais importante que o dinheiro.

- Os nossos contactos tratarão disso, não será mais procurada pela Interpol, poderá voltar à sua carreira de ladra e falsificadora de antiguidades.

- Estou a pensar em mudar de ramo. Amanhã às 14 h no bar do hotel, assim que desligar envie-lhe um SMS com a morada. Onde está alojado, *Herr* Albert?

- Em Lisboa, estarei aí à hora marcada. Está a falar com um alemão e não com estes portugueses que nem devem saber o que é um relógio.

Um homem louro de meia-idade, de rosto sardento e avermelhado, fechou a porta do quarto 154, após deixar entrar uma loura e esbelta trintona. Sonya atirou as caixas, trazidas da sua expedição à quinta abandonada, para cima da cama e abriu-as, exibindo o seu conteúdo. Albert cruzou os seus olhos com os olhos azuis de Sonya, um olhar misto de beleza e dureza. Sentindo-se algo intimidado, rapidamente desviou a atenção para os artefactos.

- Um daqueles estúpidos que me quis agredir tinha uma Cruz de Ferro ao pescoço, onde é que ele a arranjou se tudo o que encontrei estava dentro destas caixas? – interrogou Sonya.

- A cruz é uma imitação barata, demos isso a eles para se sentirem parte da organização. As minhas desculpas se a tentaram agredir, só lhes pedimos para a vigiar. – respondeu Albert.

- Não é suposto germânicos dependerem de espécimes inferiores para fazer um serviço que devia ser discreto.

- É para isso que servem, são carne para canhão. Estes foram recrutados num site de negacionistas.

- O senhor também é?

- Por quem me toma? Já tomei todas as doses. Mas, voltando atrás, fiquei surpreendido com o seu comentário, você não é portuguesa?

- Meio portuguesa, e por esse lado não há judeus, já investiguei. E já agora, o meu nome completo é Sonya Schneider Barreto. Através de familiares, soube que o meu avô materno foi um brilhante oficial da Gestapo, fugiu para Portugal e escondeu estas mesmas recordações

da glória germânica no local de onde as tirei. Foi traído por um pulha da polícia política, a PIDE, que julgava ser seu amigo. Por mero acaso, soube que a casa tinha pertencido a um inspector da PIDE e com essa informação interliguei os factos.

Albert não respondeu. Debruçou-se sobre os artigos expostos, pegou nalguns, emocionou-se quando leu os papéis assinados por tão ilustres dirigentes nazis, incluindo Adolf Hitler.

- Estou impressionado, *Frau* Schneider. Não encontrou mais nada ...?

- Não, há algo mais que eu deva saber?

- Consta que o seu avô também levou ouro para fora da Alemanha, para uma eventualidade.

- Ouro? Não encontrei quaisquer indícios, mas posso voltar à quinta e fazer nova busca. E que eventualidade é essa?

Herr Albert calou-se por uns momentos enquanto a olhava nos olhos, sem se intimidar. Para Sonya, aquele silêncio parecia não ter fim. Então, o homem falou:

- O nascimento de um Quarto Reich.

- Se é esse o objectivo da vossa organização, voltarei à quinta e farei uma nova busca e desta vez não quero dinheiro, nem favores.

- Então quer o quê?

- Entrar para a vossa organização, estou farta de porcos estrangeiros na nossa querida *Deutschland*.

- Então porque é que vive em Portugal?

- Nasci aqui, estudei no Colégio Alemão, esta gentinha é pacífica e obediente, e como tenho algum dinheiro consigo obter muitos favores, enfim, é suportável. Mas acho que está na altura de regressar à minha verdadeira casa.

Os dias foram passando após o encontro no hotel. Sonya já tinha recebido o pagamento pelo serviço prestado. Numa manhã especialmente ensolarada, quando se preparava para pegar no Porsche rumar a sul, o telemóvel tocou e uma voz familiar mas desagradável, soou-lhe aos ouvidos:

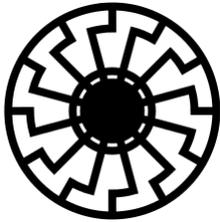
- *Frau* Schneider, se quiser fazer parte da nossa Irmandade deve comparecer no ritual de iniciação no dia 21 de Dezembro de 2021, solstício de inverno; será no castelo de Wewelsburg, ser-lhe-á enviado um mapa.

Herr Albert desligou. De imediato, Sonya, apreensiva, fez uma chamada, talvez a mais importante da sua vida.

Foi só quando o avião aterrou em solo alemão, junto à cidade de Paderborn, que a rapariga loura meio-alemã despertou de um merecido sono, perturbado por criaturas estranhas e hostis que teimavam em aparecer em fragmentos de sonho. No aeroporto, Sonya alugou um carro, rumou a Wewelsburg e instalou-se numa pensão perto do castelo. Como a cerimónia ocorreria no dia seguinte, usaria o tempo para conhecer o terreno circundante ao imponente castelo, sede das SS na Segunda Guerra Mundial.

O grande dia chegou, por fim, 21 de Dezembro, solstício de inverno. Sonya interrogou-se como foi que aquele grupo de pessoas do qual nunca tinha ouvido falar conseguiu ocupar aquele espaço dentro de um monumento público. Numa visita turística, a sala, circular, pareceria curiosa, rodeada por doze janelas, tantas quantas as colunas que a suportavam. Mas não se tratava de uma visita, mesmo com a luz do dia entrando por doze janelas, aquele era um

espaço sinistro; Sonya olhou para o chão, no centro do mesmo a figura do *Sol Negro* como que transformava a luz em trevas.



Uma voz soou como trovão por cima das cabeças das pessoas que ocupavam a sala:

- Companheiros, dentro de alguns minutos ocorrerá o solstício de inverno. Escolhemos esta data por ser tão querida da cultura germânica, antes de ser usurpada pelos cristãos e convertida nessa coisa a que chamam Natal, porque nessa altura, dizem eles, nasceu um judeu chamado Jesus Cristo. O mundo não precisa de judeus! – E olhou com os olhos muito abertos para as poucas dezenas de pessoas que estavam na sala, ao que estas reagiram de imediato, apoiando-o ruidosamente. – Nem de judeus nem de outras espécies infecciosas! – E de novo, recebeu entusiástico apoio.

Sonya, arrepiada pelo discurso, sentiu-se feliz pelos seus olhos azuis e cabelo louro. Só nesse momento reconheceu o orador, Albert Schmidt; quando o conheceu achou-o ridículo, mas agora com o uniforme, a linguagem corporal e a voz tonitruante parecia uma outra pessoa. Atrás dele, uma bandeira negra com as iniciais “WB” por cima de uma estilizada suástica.

- Nós somos a *Wotan Bruderschaft**, e vamos trazer de volta a glória para a nossa bem-amada pátria e resgatar a humanidade da decadência, e isso só é possível pondo a raça ariana no lugar que lhe pertence, que é o da liderança e superioridade sobre todos os povos da Terra. Nós somos os herdeiros do glorioso

* Irmandade Wotan. Wotan é um deus germânico, equivalente a Odin, deus principal da mitologia nórdica.

Terceiro Reich! - E, afastando-se para um lado, exibiu todos os artefactos recuperados por Sonya, perante a euforia dos que o ouviam.

A um sinal de Albert, fez-se silêncio. E porque o inverno já tinha chegado, as sombras caíam sobre a sala e uma longa noite iria cair sobre aquele e outros lugares.

- Repitam comigo: Wotan, meu Führer, minha Fé, minha Luz! Guia meus pé até a Vitória!

- Wotan, meu Führer, minha Fé, minha Luz! Guia meus pé até a Vitória!

- Faz meu sangue ferver quando levantar a lança! – Gritou Albert.

A reverberação causada pelas colunas e paredes da sala fez a voz de Albert parecer ainda mais potente.

- Faz meu sangue ferver quando levantar a lança! - Gritaram todos, o sangue fervendo.

- Que a nossa raça domine sobre a Terra! Que o Reich dure mil anos! - Gritou Albert, como que possuído.

- Que a nossa raça domine sobre a Terra! Que o Reich dure mil anos! – Gritaram todos, em histeria colectiva.

A um gesto de Albert, regressou o silêncio. Deu-se início à cerimónia de iniciação.

Sonya foi o último participante a ser iniciado. Só quando regressou ao seu lugar é que se apercebeu de uns ruídos vindos de fora. Instintivamente, olhou para Albert e viu-o a espreitar por uma janela.

- Companheiros, Wotan ouviu-nos e pôs-nos à prova. Os nossos inimigos aguardam lá fora para nos emboscar. Sejam dignos da nossa bandeira!

E Sonya sentiu que o sangue lhe fervia. E sentiu medo, também.

Próximo episódio

Revelações



Ruralidade em Almada nos séculos 18 e 19

por João Paulo Curto

Almada: da fundação ao século 18

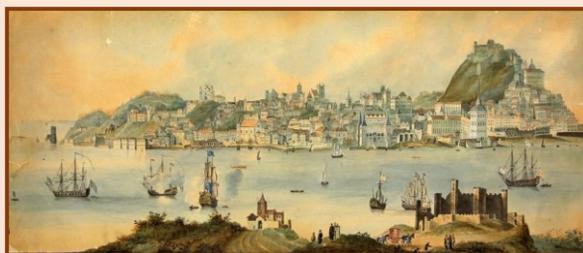
Segundo os vestígios arqueológicos conhecidos, a origem de Almada, remonta ao final do Neolítico, há cerca de 5000 anos. A proximidade do rio foi, desde sempre, um dos mais importantes fatores de fixação humana. Por aqui passaram Fenícios, Romanos e outros povos mas foram os muçulmanos que começaram a marcar este território, com a construção de uma fortaleza para vigilância e defesa da entrada do Tejo, desenvolvendo assim Almada nos domínios da defesa militar, da agricultura e da pesca. É consensual que o nome de Almada provém da palavra árabe “al-madan”, que significa “a mina”, numa alusão à exploração de ouro numa mina localizada na Adiça, no termo do concelho de Almada.



Fábrica Romana de salga de peixe

Ao longo dos séculos, o tipo de povoamento da margem sul do estuário do Tejo aponta para duas formas distintas de ocupação do território: o latifúndio a leste da península, em virtude das doações feitas no contexto da Reconquista e a oeste, onde se localiza Almada, que devido à

importância e autonomia desta vila preexistente à Reconquista, permitiu a organização dos campos circundantes em pequenas propriedades, o que marcou a posterior evolução económica e social deste território.



Convento de S. Paulo e do Castelo de Almada no séc. XVIII, autor desconhecido, séc. XIX.

Apesar de em 1147 existir já referência a Almada (e em 1170 ter o seu primeiro foral), a primeira delimitação administrativa do concelho de Almada, data de 1297, quando D. Dinis toma para a Coroa a vila e termos de Almada, até então na posse da Ordem de Santiago. Na altura, este concelho era delimitado a leste pela ribeira de Coina confinando a sul com o concelho de Sesimbra. Esta circunscrição manteve-se até 1836, data da criação do concelho do Seixal, que retirou a Almada, para além desta sua anterior freguesia, Corroios, Arrentela, Paio Pires e Amora.

Os aspetos geomorfológicos do concelho de Almada condicionaram a sua ocupação e ajudaram a determinar a sua economia. A oeste, uma extensa praia Atlântica, onde a

pesca de mar era praticada por comunidades de pescadores oriundos de Ílhavo e do Algarve, que a partir do século XVIII aqui se fixaram. A arriba a norte protege dos ventos as encostas viradas a sul.

Devido à topografia e à ausência de cursos de água predominavam as culturas de sequeiro como os cereais e a vinha.

As culturas irrigadas ocupavam pequenas parcelas de terreno, próximas de minas e poços nas zonas mais baixas onde a água era captada.

Na altura da Reconquista e aquando da tomada de Lisboa aos mouros (1147), o território de Almada foi descrito como abundante de vinhas, figos e romãs, fértil em cereais, rica em mel e celebrada pelas suas montarias de animais. Acrescenta-se a riqueza em pescado (dizia-se que a corrente do Tejo era dois terços de água e um terço de peixe), marisco (existem referências ao grande número de lagostas em Porto Brandão) e lenha, tornando-se rapidamente um importante centro abastecedor de Lisboa, em todos estes produtos.



Praia de Cacilhas, The Harbour of Lisbon, Charles Henry Seaforth (1801 - c. 1854).

No século XVII um dos aspetos que engrandecia Lisboa era o grande número de quintas muito férteis que a rodeavam de ambos os lados do Tejo. Vários registos desta altura dão conta das riquezas da região de Almada. Das produções agrícolas sobressaía o vinho produzido nas terras da Caparica que se tornou um produto muito procurado, com exportações principalmente para a Flandres e Alemanha. A sua fama manteve-se até ao século XIX. Para além do vinho havia também as frutas e os cereais. Os bosques forneciam lenha utilizada como combustível (lenha e carvão) para alimentar os muitos fornos de lenha, de louça e de cal de Almada e Lisboa, a madeira de sobreiro para embarcações e a madeira de pinheiro para as naus da Índia. Referência também ao grande transporte de pedra, extraída das pedreiras de Porto Brandão, para Lisboa onde é utilizada como material de construção. A pesca abundante, com realce para a sardinha, completava o leque de recursos que a região de Almada dispunha.

Enquanto no interior do país se praticava uma agricultura de subsistência, por falta de vias de comunicação necessárias ao escoamento da produção, à volta das grandes cidades praticava-se uma agricultura de mercado. É o caso da região de Almada que aproveitou o facto de Lisboa, para além de um grande mercado consumidor, ser também um importante entreposto de vocação comercial.

Isto determinou a produção agrícola do concelho que apostou nas culturas mais rentáveis, caso do vinho já referido, em grande parte para exportação, e das frutas e legumes, para abastecimento da capital. Devido a esta economia rural voltada para o mercado, assistiu-se a um desenvolvimento assinalável desta margem do estuário do Tejo.

No século XVIII o concelho de Almada era uma região ocupada por propriedades agrícolas, na sua maioria, pertença da nobreza e do clero, localizadas em torno da vila de Almada, na freguesia da Caparica e nas zonas ribeirinhas do Seixal. No entanto, a maior extensão do território era ocupada por pinhais e charnecas.

Almada no século 19

Em 1833, foi travada a batalha da Cova da Piedade, entre as forças absolutistas de D. Miguel e as forças liberais (ou constitucionalistas) de D. Pedro IV, com uma vitória retumbante destes. Este desenlace foi decisivo para a ocupação de Lisboa bem como para o desfecho da Guerra Civil Portuguesa com o êxito dos liberais. Este êxito foi um dos fatores para a afirmação, na segunda metade do século XIX, de uma nova historiografia valorizando a identidade coletiva em detrimento da ação individual dos heróis nacionais.

A descrição dos espaços geográficos adquire mais contornos sociais.

No início da segunda metade do século XIX, os arredores da vila de Almada eram descritos como



Almada, vista sul, Joaquim Possidónio Narcizo da Silva, 1862.

Imagem: [Biblioteca Nacional de Portugal](#)

bem cultivados de vinhas e hortaliças, contendo boas quintas, Cacilhas como uma grande aldeia, rodeada por muitas quintas de recreio e produção nos seus arrabaldes e a Cova da Piedade situada num lindo vale e cercada de pequenos outeiros cultivados. Realce para a quinta do Alfeite, pertencente à coroa, com jardim, uma grande mata com abundância de caça e um palácio de campo de estilo inglês, mandado construir por D. Pedro V. Esta quinta tinha uma grande extensão, ocupando uma faixa de território que unia a frente ribeirinha virada a este à frente atlântica a oeste, incluindo a lagoa de Albufeira.

Almada é também descrita como um lugar de lazer devido à proximidade de Lisboa e a acessibilidade de travessia do Tejo, com as carreiras fluviais regulares que uniam as duas margens. Cacilhas, Cova da Piedade e a Costa

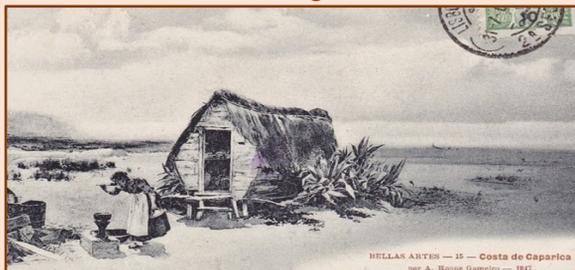
eram localidades pitorescas, procuradas como espaços de evasão e divertimento, devido à proximidade das praias e dos bons ares do campo. Vapores e faluas facilitavam aos habitantes da capital o gozarem das agradáveis cavalhadas em burritos, folguedos e passatempos que neste sítio abundam todos os santos dias no verão.



As festas, feiras e romarias marcavam a vida das populações locais. Das festas religiosas e populares que se faziam na vila de Almada, destacavam-se a festa do Espírito Santo, celebrada sete semanas após a Páscoa, a festa de Nossa Senhora da Piedade, de 23 a 25 de julho e a festa em honra de S. João Baptista, padroeiro de Almada, a 24 de junho. Também merece referência a festa em honra de Nossa Senhora do Bom Sucesso, padroeira do lugar e das gentes ligadas às atividades marítimas, realizada anualmente pelo povo de Porto Brandão. Algumas destas festas, com a duração de três dias e associadas a feiras e corridas de touros, eram muito concorridas com gentes de Lisboa e notáveis pelo aparato,

magnificência e singularidade de alguns trajés. Nesses tempos Lisboa ficava despovoada.

Sobre a Costa lia-se que “esta povoação tinha mais de 100 cabanas e algumas casas de telha,



Casa de colmo tradicional da Costa

com 1.600 habitantes, todos excelentes marítimos, porém no primitivo estado de ignorância e rudeza apesar de apenas afastados 2 léguas e meia da capital.” Não obstante, a Costa de Caparica era quase um destino obrigatório. Haveria poucas pessoas em Lisboa, das que gostavam de explorar os seus arredores, que não tenham ido lá passar um dia de verão e comido a clássica caldeirada dos pescadores. A Costa, como local de lazer, era também escolhida por D. João VI, D. Maria II e D. Pedro V. As atividades dos moradores da Caparica eram a lavoura e a pesca, sendo a vinha a principal cultura até ao flagelo do oídio, doença fúngica que afetou toda a produção nacional e que seria fatal na região de Almada, em meados do século XIX.

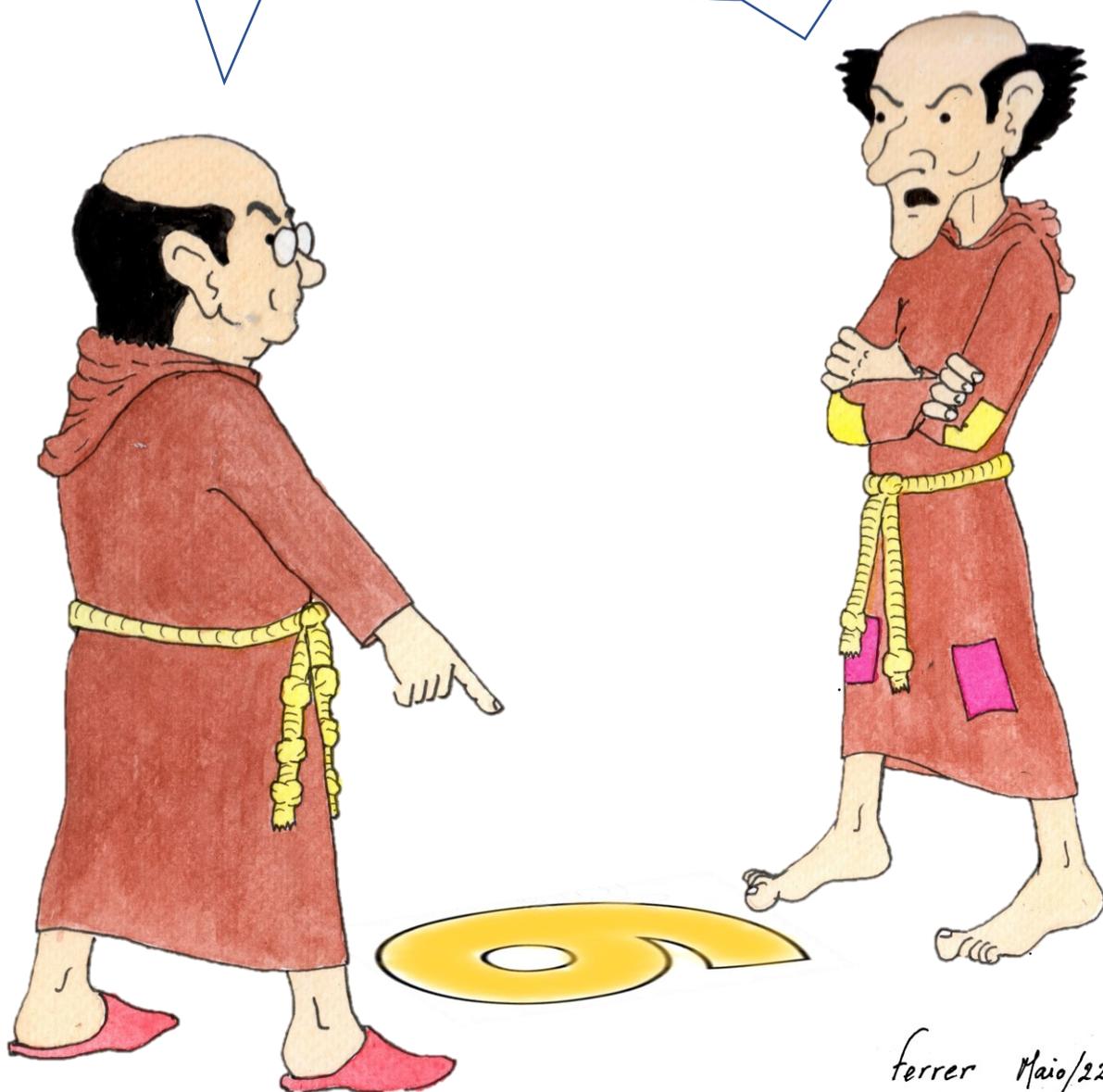
Nota: este texto tem como referência a dissertação de mestrado “Ruralidade em Almada nos séculos XVIII e XIX”, da autoria de Francisco Manuel Valadares e Silva, Universidade Aberta, 2008

Imagens retiradas do site: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Uma questão controversa...

É um seis!

Náááá!...
Cá para mim
é um nove!!



ferrer Maio/22

Quem tem razão?

